

## MEMÓRIAS DO CÁRCERE: SUPERPOSIÇÃO DE FATO E FICÇÃO EM NARRATIVA DE MEMÓRIA

**Rosana Aparecida Ribeiro Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho analisa *Memórias do cárcere*, o relato autobiográfico do período em que Graciliano Ramos foi prisioneiro do Estado Novo, escrito dez anos após sua libertação, com os seguintes objetivos: com base na conceituação de autobiografia de Lejeune (1973), examinar as características de *Memórias* que encaminham o leitor para um pacto de leitura – o pacto autobiográfico; mediante a análise dos incidentes e personagens que o narrador resgata do passado, no desejo de entender como se relacionam com a sua situação atual; verificar a configuração memorialista do texto; num terceiro nível, examinar os recursos de técnica narrativa que conferem à voz narradora o caráter de confiabilidade no processo de reconstituição do passado, bem como os recursos de caracterização de personagens que se impuseram à memória de seu criador.

**Palavras-chave:** Autobiografia e memórias. Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*.

**Abstract:** This paper analyzes *Memórias do cárcere*, the autobiographical report of the period when Graciliano Ramos was a prisoner of Estado Novo, written ten years after he was set free, with the following objectives: based on Phillippe Lejeune's concept of autobiography, examine the traits in *Memórias* that lead the reader to the autobiographical pact; by means of the analysis of events and characters that the narrator rescues from the past, in his wish to understand how those incidents relate to his present situation; verify the memorialist configuration of the text; on a third level, examine the resources of narrative technique that make the narrator's voice reliable, in the process of reconstructing the past, and examine the resources used in the construction of the characters that are unearthed by the memory of their creator.

**Keywords:** Autobiography and memoir. Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*.

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Curitiba  
Mestranda em teoria Literária pela UNIANDRADE  
e-mail: rosanacmc@msn.com

Com Graciliano Ramos, o alagoano de Quebrangulo, onde nasceu em 1892, a literatura brasileira atingiu seu ponto mais alto. Foi caixeiro, comerciante, Secretário da Educação e, por fim, inspetor de ensino. Em Palmeira dos Índios, modestíssima localidade do sertão de Alagoas, acabou tornando-se prefeito. Quando estourou o frustrado levante aliancista, era diretor da Instrução Pública em Maceió. Foi preso pela repressão do Estado Novo.

Incomunicável, meteram-no, então, num porão de navio, misturado com ladrões e criminosos. O maior romancista do Brasil teve a cabeça raspada e ficou preso em diversos presídios do Rio, de 1936 a 1937. O período de encarceramento teve grande influência na produção do escritor, resultando uma de suas obras mais conhecidas: *Memórias do cárcere*.

Dez anos após a libertação, Graciliano Ramos começa a escrever a obra, baseando-se nas lembranças do período, uma vez que não pudera conservar as anotações escritas na prisão.

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos — e, antes de começar, digo os motivos por que silenciei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, como o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. (2008, p. 17)

Ao redigir sua narrativa, portanto, Graciliano deve utilizar-se da memória, de lembranças mais ou menos nítidas de um período traumático. Por outro lado, o próprio termo narrativa dá ao trabalho uma conotação de história criada, de ficção.

Isso conduz ao objetivo deste trabalho que discute, em resumo, a contraposição de memória (singular), a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, e memórias (plural), gênero autobiográfico. *Memórias do cárcere* é um relato autobiográfico dos dez meses e dez dias em que Graciliano Ramos esteve encarcerado e conviveu com presos comuns, bandidos e criminosos, bem como com outros presos políticos, intelectuais, escritores e jornalistas, em condições físicas, mentais e emocionais cruéis. A ênfase do livro recai, portanto, não apenas na história de vida do escritor, mas na descrição do ambiente da prisão,



que testemunha como “eu-narrador”, nos seus julgamentos e comentários, e em suas análises cáusticas e precisas do clima político do Estado Novo.

Como instrumental deste trabalho, conceitua-se, inicialmente, *memória* como função psíquica e *memórias*, como gênero de narrativa do “eu” que enfatiza os fatos que testemunha, de preferência à análise de sua própria personalidade. A configuração memorialista do texto embasa o exame dos recursos de técnica narrativa, que conferem à voz narradora o caráter de confiabilidade no processo de reconstituição do passado, bem como dos recursos de caracterização das personagens que se impuseram à memória de seu criador.

Para reconstituir suas lembranças do cárcere, Graciliano deve forçar-se a recordar, o que caracteriza o mecanismo da memória voluntária, que, segundo Samuel Beckett (1970) refere no ensaio *Proust*, é como folhear um álbum de fotografias, examinando recordações estáticas. A memória voluntária insiste na mais necessária, salutar e monótona forma de plágio — o plágio de si mesmo. Em contraste, a memória involuntária é explosiva e imediata, acionada por incidentes aparentemente inócuos, ou por estímulos sensoriais diversos, que penetram no inconsciente, de lá retirando lembranças que, deliciosas ou traumáticas, são extremamente importantes para o indivíduo. Rebelde, esta memória só aparece quando quer. Graciliano não registra se teria experimentado estes *flashes* de recordação, que devem ter ocorrido para quem viveu experiências repugnantes em sua concretude:

Afastei-me, marchando nos calcanhares, tentando evitar as coisas moles pisadas na véspera e percebendo claramente donde vinha o cheiro forte de amoníaco. Aquelas pessoas urinavam no chão, a um canto; o mijo corria, alagava tudo, arrastando cascas de frutas, vômitos, outras imundícies. Com as oscilações da infame arapuca, a onda suja não descansava; dificilmente se acharia um lugar enxuto. (2008, p. 115)

Para Bérqson (citado em Halbwachs, 1990, p. 97), o passado permanece inteiro em nossa memória, exatamente como foi para nós; mas certos obstáculos, em especial o comportamento humano de nosso cérebro, impedem que evoquemos todas as suas partes. As recordações do narrador de *Memórias* vão e vêm:

O trem parou, desembarcamos em Mangaratiba. Aí me chegaram algumas idéias claras, fui capaz de observar qualquer coisa: agora as recordações avultam e se articulam. Achara-me num sorvedouro; ou antes, não me deslocara em sentido horizontal, mas para cima e para baixo, a subir e a descer nas roscas de um parafuso. Estávamos em Mangaratiba. Vi este nome na placa da estação. Bem. Chegávamos enfim a um canto da terra, e isto nos dava consistência. Roláramos fora dela, ausentes da realidade. Ao sair da caixa móvel, José Gomes, o velho Eusébio, Guerra, Zoppo, deixavam de ser sombras, ganhavam corpo: lembro-me deles. Mangaratiba é um lugar miúdo, que procuro fixar na memória para não me esquecer dos companheiros. Uma povoação triste e abafada, com montes em redor. É, parece que tem montes em redor. Nada mais. (2008, p. 399)

“Agora”, que seria o momento da escrita, as recordações parecem articular-se para o escritor, que antes se sentia num sorvedouro. Seu desejo é lembrar-se dos companheiros e, para tanto, faz esforços para visualizar o lugar, Mangaratiba, “uma povoação triste e abafada, com morros ao redor.” A associação de ideias traz de volta das sombras a imagem dos companheiros como seres de carne e osso. Cresce a nitidez e o número das imagens de “agora”.

Para Bergson há duas formas distintas de memória: a memória hábito e a memória lembrança. A memória hábito seria aquela que adquirimos por meio de ações repetitivas e necessárias para a nossa vida cotidiana e prática. A memória lembrança é vista sob outra ótica, enfocando acontecimentos específicos que se realizaram em um momento específico de nossa vida passada e têm uma data certa nesse passado. Evocar a memória lembrança é, sim, entrar em contato com o mundo do espírito. É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Cresce a nitidez e o número das imagens de agora.

O Graciliano narrador afirma que procura se fixar na recordação de Mangaratiba, o lugar em que ocorreram os fatos, e por associação, recuperar a lembrança de seus companheiros. É a memória individual que busca apoio no entorno físico e humano, no grupo a que pertence.

De fato, para Maurice Halbwachs, tanto a memória individual quanto a



coletiva são sociais. Os indivíduos lembram como membros de grupos e é o fato de pertencerem a grupos - e a legitimação dada pelos grupos às memórias do indivíduo - que fornece estrutura, coerência e um senso de validade às suas lembranças. Conseqüentemente, o espaço em que se localiza o grupo tem função de relevo na evocação de lembranças. As recordações do personagem-narrador de *Memórias do cárcere* estão presas ao espaço restrito da prisão e à presença dos companheiros. Embora uma convivência estranha e relativamente breve, diversa do relacionamento existente em grupos sociais a que Halbwachs se refere, é possível dizer que as memórias do personagem têm caráter coletivo.

A memória como função está na base de todos os gêneros memorialistas - autobiografia, memórias, diário, cartas - e, ao entendermos o livro de Graciliano Ramos como narrativa de vida, é importante refletir sobre algumas características próprias dos dois primeiros. A questão que se apresenta imediatamente ao leitor é o grau de veracidade dos textos: até que ponto as experiências narradas foram realmente vividas pelo “eu” que narra. O grande teórico da autobiografia, Philippe Lejeune (1994), atribui à identidade do “eu” que narra com o autor, cujo nome está na capa do livro, e, por extensão, com o personagem da narrativa, a chave para o reconhecimento de um texto como autobiográfico. Comprovada esta identidade, estabelece-se o que ele denomina de pacto autobiográfico entre o leitor, que aceita os fatos como verídicos, e o escritor, que se compromete a narrar a verdade. O que define a autobiografia, portanto, é o modo de leitura do texto. No gênero memórias, também se estabelece o pacto autobiográfico, mas o homem passa da posição de sujeito para a de objeto:

A narrativa memorialística tem como centro o homem, ora sujeito, ora objeto da memória. Na situação de sujeito, assume a primeira pessoa, procura desvendar seus dilemas, mas projeta-se em diferentes modelos e revela-se no fluir contínuo da corrente da consciência. Como objeto, passa a ser o narrador de fatos acontecidos com outros, numa posição onisciente e crítica, de terceira pessoa. O primeiro caso remete ao aspecto memorialístico puro e o segundo à ficção memorialística. (AZEVEDO, 2004, p. 101)

*Memórias do cárcere* é uma reinvenção promovida a partir de uma

realidade extratextual comprovada e conhecida por todos, que, no âmbito da narrativa, se transforma sempre pelo uso da linguagem a serviço da ficção. A esse respeito, Wander Melo Miranda assinala que não há estilo obrigatório para escrever autobiografia ou memórias, prevalecendo a escolha do autor.

A marca individual do estilo, num tipo de narrativa em que o narrador é o próprio objeto da narração, reveste-se de grande importância, já que, à auto-referência explícita da narração a si mesma, o estilo acrescenta o valor auto-referencial implícito a um modo singular de elocução. O estilo é visto, então, como ligado ao presente do ato de escrever e seu valor referencial remete da escrita, ao *eu* atual. (1992, p. 30)

A distância de dez anos entre o “eu” que narra e o “eu” que vivenciou os fatos impede a apresentação de uma imagem definida, uma vez que o indivíduo foi se transformando ao longo dos anos; na verdade ele não procura revelar, mas sim construir sua identidade. Em nenhum momento é mencionado o nome Graciliano Ramos:

Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem: fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável adotar o pronomezinho, embora se façam malabarismos por evitá-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. (2008, p. 17)

Graciliano afirma que não se trata de ficção, em quealaria um sujeito mais ou menos imaginário. No entanto, a transformação que o homem deve ter sofrido ao longo de dez anos e a memória distante dos acontecimentos exigem que utilize os recursos da narrativa de ficção. O sujeito do enunciado é também o sujeito da enunciação, portanto narrador e personagem da narrativa. Como prisioneiro e também testemunha, relata de forma incisiva, a crueldade do tratamento de outros presos naquele “cemitério de vivos”:

Chamava-se Miranda. O verdadeiro nome era Antonio Maciel Bonfim, mas na vida ilegal adotara o pseudônimo, vulgarizado na prisão, e por ele o conheciam. Veio doente, consequência de maus-tratos recebidos na Polícia

Central, e ficou algum tempo na enfermaria, a sala à esquerda, além da grade. Isso desenvolveu a simpatia curiosa das células e indignou-as: nunca os métodos brutais da reação pareceram, invisíveis e ampliados, tão bárbaros. Ferimentos vários cicatrizavam à nossa vista e não nos sensibilizavam, as próprias vítimas pareciam esquecer-los. As torturas infligidas a Miranda, arriado numa cama ali perto, conjugavam-se a aventuras e perigos, romantizavam-no, quase o glorificavam. Tínhamos enfim matéria suficiente para um esboço de herói. (2008, p. 266-267)

Quanto ao Graciliano-protagonista das memórias, o autor procura criar uma personagem que corresponda ao seu perfil ideológico como artista e intelectual. Demonstra verdadeira aversão aos militares e ao exército, que considera uma inutilidade. É irônico ao se referir às regras da hierarquia militar: “Decerto eu desconhecia a maneira de tratar com a farda: não deviam esperar que me apresentasse de mão na testa, espinhaço vertical, as pernas tesas” (2008, p. 76). O patriotismo, que associa aos militares, e é demonstrado em hinos e toques de corneta, causa-lhe horror: “Sem dúvida essas coisas são indispensáveis, por enquanto, mas isto não me levava a gostar delas. Horríveis” (p. 54).

O Graciliano-personagem que é também o narrador das memórias de Graciliano Ramos, o autor, e testemunha de sua época, critica asperamente as atitudes do congresso, servil ao governo de Getúlio Vargas:

O congresso apavorava-se, largava bambo as leis de arrocho — e vivíamos de fato numa ditadura sem freio. Esmorecida a resistência, dissolvidos os últimos comícios, mortos ou torturados operários e pequenos-burgueses comprometidos, escritores e jornalistas a desdizer-se, a gaguejar, todas as poltronas a inclinar-se para a direita, quase nada poderíamos fazer perdidos na multidão de carneiros. (2008, p. 30)

Atribuem-se ao personagem-narrador traços reconhecíveis da personalidade do autor: severidade, reserva e frieza. Demonstra notável habilidade para observar e analisar situações, fossem quais fossem, com aparente imparcialidade e lucidez:



— Você tem sangue de barata, homem, veio dizer-me José Brasil.

— Por quê?

— Ora, por quê! Num barulho como este, fica sentado, lendo, nem levanta a cabeça. Que diabo! Você não tem nervos.

— Pois sim! Vou lá meter-me em questão de soldados? Vocês se entendem. Arranham-se, trocam murros, quinze minutos depois estão amigos. E voltam-se contra os paisanos. Sou neutro. Arranjem-se.

O capitão arregalou o olho vivo, com espanto. Em seguida soltou uma gargalhada:

— Ótimo. É isso mesmo. Foi a opinião mais sensata que já ouvi a nosso respeito.(2008, p. 180)

À superioridade de atitudes soma-se a indiferença pelo próprio destino. Parece-lhe impossível até mesmo pensar em comer:

Nada havia ingerido ultimamente, impossível até pensar em comer. Ia com certeza prolongar-se a medonha sitiofobia, mas a perspectiva de nenhum modo me assustava. Indiferença. Tanto rendia estar ali como acolá, viver de uma forma como de outra, ou não viver. Não desgostava acabar suavemente, escorregar aos poucos na eternidade, envolto em sentimentos generosos, levar comigo a recordação do negro que velava a minha fraqueza, firme e sério, de braços cruzados. A visão benigna desmaiou e sumiu-se, as trevas do sono cobriram-me, foram adensando. (2008 p. 149)

A simpatia pelo “negro firme e sério” que vela por ele se repete na maneira amigável com que o Graciliano-personagem se relaciona com os demais prisioneiros, a quem chama de amigos, quer se trate de “pequeno-burgueses e operários, homens cultos e gente simples (...) ou engenheiros, médicos, bacharéis (2008, p. 215). É claro e direto no julgamento de companheiros, expresso, por vezes, em termos de gíria: “Nunca vi pessoa mais pau. Contudo eu gostava dele. Uma caceteação original, caceteação amável” (p. 189). A amabilidade não é uma constante e ele busca na gíria termos adequados para exprimir desagrado: “De ordinário só se aproximava de mim para dizer qualquer coisa desagradável. Expandia-se, azuretado e sonso (p. 583).



As *Memórias do cárcere* apresentam, portanto, além do testemunho de uma época de repressão e desrespeito à dignidade do ser humano, um Graciliano multifacetado: autor, narrador, personagem, testemunha e juiz

### **Reflexões Finais**

Incapacitado de escapar da opressão da cadeia, Graciliano isola-se e recusa-se a dar a voz a determinadas personagens, ainda que partilhe com elas a consciência da espoliação a que estão submetidas. O próprio autor deixa por vezes de falar, num franco sinal do sentimento de impotência, e, abatido, isola-se dos demais.

Embora de natureza autobiográfica, há em *Memórias do cárcere*, fortemente marcado, o traço social, revelado pela descrição de sofrimentos e opressões a que o Estado Novo sujeitava os cidadãos, indiscriminadamente, na tentativa de moldá-los em consonância com seus objetivos de poder dominante. Ao invés de manter-se nos limites da “história de uma personalidade”, que é como Philippe Lejeune define autobiografia (2008, 15), a narrativa de Graciliano é um testemunho memorialístico de toda uma época da recente história política do Brasil.

Segundo Halbwachs, não é na história aprendida, mas sim na história vivida que se apóia nossa memória, e é através da evocação das reminiscências da narrativa autobiográfica que Graciliano narra sua permanência na prisão e denuncia a prepotência da ditadura Vargas. Em meio a essas turbulências históricas, Graciliano se vê entre quatro paredes sem saber o porquê e decide expor o caráter autobiográfico de sua obra.

*Memórias do cárcere* não parece ter sido uma obra composta para agradar, mas para transformar-se na palavra de um homem, no relato dramático de uma testemunha real que viveu uma situação real, embora esta situação esteja, nas páginas do livro, transfigurada pela elaboração artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M.M. O relato autobiográfico na literatura norte-americana: dos fundadores às minorias étnicas. Goiânia, *Signótica*, vol. 16, n.1, janeiro/junho 2004. p. 97-118.

BECKETT, Samuel. *Proust*. London: Calder & Boyars, 1970.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Nova tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.

MIRANDA, W.M. *Corpos escritos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

\_\_\_\_\_. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. 44 edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Organizadora Jovita Gerheim Noronha. Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.